

Unir agora e separar depois

Villas-Bôas Corrêa



Como um pouco de juízo não faz mal a ninguém, a Constituinte parece que sorveu a sua dose e vem procurando o consenso, acima dos partidos e blocos, para tentar separar o que pode ser aprovado com relativa facilidade, ficando o resíduo polêmico para os encontros finais no plenário e que só podem ser decididos pelo voto.

Excelente, sensata e oportuna providência. A Constituinte equilibra-se na corda bamba das expectativas populares, profundamente atingidas pelas decepções acumuladas. A cada dia que se passa, o desgaste se acentua e a Constituinte vai perdendo pontos e baixando no conceito da sociedade.

Ainda anteontem à noite, na Casa de Ruy Barbosa, uma assistência pequena mas renitente prolongou um debate sobre o excelente vídeo *Brasil, Constituinte 87*, montado pelo talento de Sérgio Bloch, Cláudio Torres, Luciano Moura e João Carlos Velho, até depois de meia-noite. O que já não seria pouco para uma noite fria de começo de semana. Além do interesse, da atenção, do sentido participativo, a marca da conversa foi um pessimismo contido, ansioso por desaguar no remanso de esperanças recuperadas. Vai mal a Constituinte na estima do povo, estigmatizada por suspeições, preconceitos e, reconheça-se, queixas justas e amarguradas. Ela prometeu muito mais do que está cumprindo e não vale a pena ratear culpas e responsabilidades. Talvez seja mais inteligente e objetivo buscar salvar o que ainda pode e deve ser reabilitado, acertando erros e dando a volta por cima de alguns equívocos bem-intencionados, como a novidade de montar uma Constituição a partir de nada e não de uma proposta básica e que só poderia ser formalizada pela legenda majoritária. Mas, o PMDB não consegue decidir nada na sua incurável vocação contraditória de frente de múltiplas tendências. Paciência: o jeito é trabalhar com a realidade e ir em frente.

Ora, está soando a hora do voto, isto é, da definição. O muro das habilidades, das trapaças, da simulação fica estreito, não cede espaço para os prodígios do equilíbrio escapista.

O dr. Ulysses, com a sua longa e sábia experiência, sabe disso e não é por outra razão que tangeu o seu rebanho indisciplinado para a temporária libertação de todos os compromissos partidários. O PMDB licenciou-se na Constituinte, liberando a bancada para dividir-se, assumir as

posições que entender, votar como cada um quiser. Pode não ser uma linha de ética irrepreensível, mas realística. Assim congelada a legenda se preserva para a eleição municipal do ano que vem, talvez a última estação do comboio pemedebista.

Se não há um grande partido exercendo a liderança disciplinadora da Constituinte, se o dr. Ulysses faz o que pode nas suas presidências empilhadas em montão mas não dispõe do controle majoritário, é preciso que o plenário se organize por sua conta. E é o que começa a acontecer. A arrumação será fatal e instantânea quando as rodadas de votação cobrarem o voto que aprova ou o que rejeita. Portanto, na simplicidade da divisão ao meio, sem outra alternativa além da fuga do voto em branco ou da ausência.

Mas, se o meio-a-meio é compulsório, o bom senso está a sugerir que os parlamentares se identifiquem e se agrupem nos dois blocos para o choque do plenário. E que, antes da briga, a trégua abra o caminho para um entendimento sobre o que é passível de acordo, para a desarmada busca do consenso negociado. É o consenso, na sua amplitude ou no seu amesquinhamento, que deverá salvar a futura Constituição. Pois ele é o reconhecimento das reivindicações sociais, devidamente selecionadas e enxutas na sua fórmula transacionada.

O entendimento superpartidário é uma contingência das circunstâncias, o desvio para evitar o caos da omissão do PMDB e da falência das lideranças. A opção para aproveitar os cinco meses que restam até o fim do ano, data de um compromisso tácito para a promulgação da Constituição. A oportunidade derradeira de botar uma meia-sola nos furos que se encadeiam, em série preocupante.

A Constituinte ainda não mobilizou o interesse popular na dimensão que se previa. Lobbies e UDRs tomaram lugares no leque das pressões previsíveis. A radicalização da reta final recomenda que se encurte, pela seleção articulada, o trecho da insanável divergência. Até para que haja tempo material para que os temas controversos, que em qualquer caso serão numerosos, sejam debatidos, votados e decididos sem atropelar o fim do ano e nem obrigar ao exagero de mutirões varando as madrugadas e impondo um texto que se infiltre nas ranhuras do cansaço, na fadiga da vigilância da sociedade.

Em qualquer caso, a polarização será efêmera. Apenas a aproximação dos que estão mais próximos no aparte ideológico dos temas de mais denso conteúdo social. O armistício político deve durar pouco. Depois da Constituição, a luta pelo poder espalhará os aliados da transição, despejando o balaio na chapa quente da sucessão presidencial. Então nem Lula e Brizola manterão a dupla da esquerda e nem o dr. Ulysses continuará tão compreensivo ante as impertinentes reclamações do PFL.